

## **O Homem se reencontra e se olha em tudo o que vê – breve reflexão sobre o entretecer de ciência e autoconsciência nos dias de hoje**

*Karen Geisel Domingues*  
[karengiesel@gmail.com](mailto:karengiesel@gmail.com)

*Prof. Dra. em Educação pela Universidade de Brasília - UNB*  
*Área: Ecologia Humana*  
*Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário IESB*

### **Texto lido na apresentação**

A partir do paradigma da complexidade, apresentamos nossa percepção do panorama científico atual, onde autoconsciência e ciência formam um sistema e dialogam na explicação do mundo. Teilhard de Chardin, assim como Boaventura de Souza e Santos afirmam que todo conhecimento é autoconhecimento. Por sua vez, Edgar Morin declara que o pensamento complexo deve realizar a rotação da parte para o todo, do todo para a parte, do molecular para o molar, do molar ao molecular, do objeto ao sujeito e, vice-versa, do sujeito para o objeto (2005). Jung afirma, pode-se compreender que todos os conhecimentos que adquirimos acabam por nos levar a alma.

*A alma é o começo e fim de qualquer conhecimento (Jung, 2000).*

Etimologicamente, complexidade tem origem latina na palavra *complectere*, cuja raiz significa trançar, enlaçar. Lembra-nos o trabalho de construção de cestas, no entrelaçar de um círculo, que vem a unir o princípio com o final de pequenos filamentos. O sufixo “com” acrescenta o sentido de dualidade de elementos opostos que se envolvem intimamente, sem anular sua dualidade. Morin (2003) explica, então, que a palavra *complectere* pode ser utilizada para marcar tanto o sentido de combate entre dois guerreiros como o abraço estreito entre dois amantes.

Morin (2005) indaga: o que é complexidade? Para ele, a complexidade é um tecido - *complexus*: o que é tecido junto - de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: a complexidade coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Em um

segundo momento, a complexidade passa a ser o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos que constituem o mundo fenomênico.

A dificuldade de se trabalhar com o pensamento complexo é o de que a mente humana não está habituada a enfrentar o emaranhado, o jogo infinito de inter-retroações dos fenômenos da vida, não consegue, na maioria das vezes, enxergar por meio das brumas das incertezas e das contradições. Pode-se afirmar que o complexo resgata o mundo empírico dos fenômenos incertos em formulações exatas, incertos em leis eternas, incertos em ordem absoluta.

Recupera-se, então, a capacidade de encarar as contradições dentro de uma ecologia humana. Na mentalidade clássica positivista, havia indício de erro quando surgia uma incoerência no cerne de uma argumentação. Isso indicava que era necessário retroceder e empreender nova forma de argumentação, pois havia erro na construção da lógica. Por outro lado, na perspectiva da complexidade, atingir algum tipo de contradição pode não significar erro, mas desvelamento de camadas mais profundas da realidade, que nossa lógica ainda não se encontra capaz de compreender.

Por sua vez, Boaventura de Souza e Santos afirma que chegamos a finais do século XX possuídos pelo desejo de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento de nossos conhecimentos das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios (1988). Essa ampla perspectiva apresenta-se como visão atual do diálogo entre autoconhecimento e exercício da Ciência. A nova metodologia, científica proposta por Boaventura em sua obra *Um Discurso sobre as Ciências*, aborda a perspectiva pós moderna da complexidade como possibilidade de trânsito entre o privado e o público, entre o subjetivo e o objetivo, entre ciência - teoria e, experiência anímica.

Ele nos fala: *Hoje é possível ir muito além da mecânica quântica. Enquanto esta introduziu a consciência no ato do conhecimento, nós temos hoje de a introduzir no próprio objeto do conhecimento, sabendo que, com isso, a distinção sujeito/objeto sofrerá uma transformação radical. Num certo regresso ao pan-psiquismo leibniziano, começa hoje a reconhecer-se uma dimensão psíquica na natureza, "a mente mais ampla" de que fala Bateson, da qual a mente humana é apenas uma*

*parte, uma mente imanente ao sistema social global e à ecologia planetária que alguns chamam Deus.*

Hoje, sabe-se que não há chance de sujeito e objeto serem separados e observados isoladamente.

Chardin (1989) afirma que objeto e sujeito unem-se, transformam-se mutuamente no ato do conhecimento, e acrescenta, para onde quer que vá, o homem carrega em si a paisagem que está a atravessar.

Apercebe-se enfim que o Homem "objeto de conhecimento" é a chave de toda Ciência da natureza.

[...] *O homem embaixo: o homem em cima: e o homem ao centro, sobretudo: aquele que vive, se expande e luta tão terrivelmente em nós e ao nosso redor.*

Percebemos, então, as artes, as ciências sociais e humanas, assim como as fórmulas para enxergar estrelas e calcular espaço e tempo criarem olhos, aproximarem-se e virem mirar-se no homem.

A necessidade antropogênica do ser humano oferece espelho e referência para novos conhecimentos. *Somos centro de perspectiva de nós mesmos – antes cega projeção.*

O homem busca novos modelos a fim de compreender o que o saber de sua época não está apto a alcançar, escancara, assim, sua humanidade em olhar recriador sobre Ciência, Universo e Alma.

Na obra *A Natureza da Psique* Jung (2000) afirma a multiplicidade de aspectos da natureza da psique que se desdobram em inúmeras facetas, dificultando a compreensão empírica, entretanto, por estas mesmas características de multiplicidade e complexidade, pode-se compreender que todos os conhecimentos que adquirimos acabam por nos levar a ela (alma).

*A alma é o começo e fim de qualquer conhecimento.* Prossegue, a alma não é somente o objeto de sua própria ciência, neste caso, a Psicologia, como também seu sujeito de pesquisa.

A alma é o único fenômeno imediato deste mundo percebido por nós, e por isto mesmo a condição indispensável de toda experiência em relação ao mundo. *A única coisa que podemos experimentar diretamente são os conteúdos da consciência.*

Assim como toda a mitologia e religião se apresentam como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo, também a filosofia e as ciências seguem a mesma trajetória que oscila entre devaneios inconscientes e projetacionais e a construção de consciência e ciência discriminatória, onde o homem partiu do céu estrelado de formas caóticas que foram se organizando mediante projeção de imagens, percepções introspectivas da atividade do inconsciente coletivo.

Do mesmo modo como as constelações foram projetadas no céu, assim também outras figuras semelhantes foram projetadas nas lendas, nos contos de fadas e acrescenta-se, nas teorias filosóficas e científicas.

Os conceitos centrais da Ciência, da Filosofia e da Moral não fogem à regra da projeção anímica no mundo exterior. Na forma atual, todas as formas de conhecimento são variações das ideias primordiais, geradas pela aplicação e adaptação conscientes desses conceitos à realidade, pois a função da consciência é não só reconhecer e assumir o mundo exterior através da porta dos sentidos, *mas traduzir criativamente imagens e sensações para a realidade visível.*

Nessa perspectiva, a Psicologia Analítica firma sua posição no paradigma da complexidade, reconhecida como parte do novo ambiente científico que exercita a elaboração de modelos sistêmicos nos quais, *ver melhor é saber mais, é conhecer mais, é ser mais, pois consiste em organizar sempre, mais aprimoradamente, as linhas do Real a nossa volta a fim de podermos atuar com ela e a partir dela* (Chardin, 1989).

Na Clínica, reconhecemos estas premissas no trabalho terapêutico por meio da amplificação de conteúdos apresentados e redução de grandes temas à vida pessoal do sujeito, assim como, o desenvolvimento do trabalho de reconhecer projeções e promover seu recolhimento.

Nos aspectos abordados sobre clínica e conhecimento científico, reconhecemos a relação entre macro e micro, onde o Eu é continuamente alterado, o Outro *idem* e o

campo de relação também. Não podemos apontar o que acontece primeiro ou o que provoca o primeiro movimento onde. Morin conceituou esse fluxo, aparentemente aleatório, de causalidade circular, Jung denominou de conexão ou relação analógica. No pensamento complexo não existem limites claros entre o Eu, o Outro e o terceiro campo formado nessa relação. A complexidade sistêmica da vida é inatingível, incansável campo de pesquisa para novos saberes científicos e autoconhecimento. Por fim, Chardin medita sobre o Mundo apresentar-se como áspero minério a ser polido até tornar-se espelho capaz de refletir a face de Deus.

Edgar Morin presente misticamente o momento no qual o conhecimento desemboca na ignorância, no qual o saber desemboca no mistério.

Boaventura de Souza e Santos questiona o poder da ciência para a realização do homem de forma integral.

Jung nos vem afirmar que estamos e somos parte da *Anima Mundi*, onde os processos de conhecimento externo reverberam e alimentam nossa relação com o Si-Mesmo.

Humildemente gostaríamos de conjecturar: *seria o Mundo um caleidoscópio que nos engolfa e gira sem cessar à medida em que brincamos de crescer?*

## **Referências Bibliográficas**

Chardin, T. (1989). O Fenômeno Humano. São Paulo: Cultrix.

Jung, C. G. (2000). A Natureza da psique. O.C. Vol. VIII/2. Petrópolis: Vozes.

Morin, E. (2005). Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Editora Sulina.

Souza e Santos, B. de. (1988). Um Discurso sobre as Ciências. Porto: Edições Afrontamento.